

# O Mercosul, o Nafta e a UE

**N**este quadro de pós-Guerra Fria os países da América Latina iniciam novas associações e diálogos. Mas o conceito de "uma" América Latina como articulação operativa ficou, aparentemente, relegado a um segundo plano, pelo menos do ponto de vista econômico e comercial. Para o sociólogo Hélio Jaguaribe, a realidade regional e sub-regional, depois da associação do México ao Nafta, está fragmentada em distintos espaços com influências diferentes.

Há uma América Latina do sistema Nafta (TLC), que contém o México e potencialmente a América Central e o Caribe; outra que inclui o norte da América do Sul e uma terceira que engloba o sul da América do Sul.

São áreas diferentes, com pesos distintos e uma afinidade cultural e histórica. Mas não existe entre elas unidade de ação, a não ser para iniciativas muito gerais como a Reunião de Cúpula Ibero-Americana, por exemplo.

Jaguaribe entende que a força de gravitação do Nafta no norte da América do Sul tende a atrair a Colômbia, Venezuela e México, que formaram o G-3. Por isso considera que uma maior integração dessa área com o sul da América Latina dependerá fundamentalmente de que o Mercosul adquira pleno vigor, o que, na sua opinião, deve ocorrer.

Um fato inédito para a região será a abertura, a partir de dezembro, das negociações do Mercosul com a União Européia para criar uma Zona de Livre Comércio entre ambos os blocos. Esta negociação representará um fortalecimento objetivo do Mercosul, reconhecido pela Europa, a ponto desta abrir conversa-

ções bloco a bloco. Em especial será importante pela data do começo oficial da negociação, dezembro deste ano, justamente quando os Estados Unidos convocaram todos os países da América, à exceção de Cuba e Haiti, para a Reunião de Cúpula de Miami.

As negociações do Mercosul com a UE devem proporcionar novos ingredientes para a reunião de Miami e podem contribuir para que o diálogo vá além da retórica, aproximando-o das definições concretas. No México, existe receio de que o Nafta implique só uma via de mão única pela qual transitem de volta os muitos *chicanos* que sobram no território dos Estados Unidos e algumas transnacionais transfiram suas fábricas para produzir neste país, com leis ambientais menos rigorosas e salários mais baratos. Existe dúvida, inclusive, sobre a futura execução do Tratado, por objeções que pode colocar o próprio Congresso norte-americano.

A preocupação de alguns governos (como Argentina, Brasil e Uruguai) pelos possíveis efeitos negativos do tratado do Nafta e pelas exclusões que este implica, parecem ir dissipando-se diante da perspectiva que oferece a relação preferencial com a União Européia, que passará em breve de 12 para 16 países.

Para Yorio Dauster, embaixador do Brasil na UE, embora a Europa não ofereça nada e "negocie muito duro", as perspectivas que se abrem são muito importantes e efetivas. "É tão importante que, para chegar ao ponto atual, foi necessário que mudássemos alguns arraigados preconceitos dos europeus", que antes nunca teriam iniciado negociações com países latino-americanos sem a supervisão dos Estados Unidos.

Coincidentes com este ponto de vista têm sido as opiniões emitidas por José Luís Araneo, embaixador do Uruguai em Bruxelas, Diego Guelar, representante da Argentina na UE, e pelo embaixador da Argentina em Brasília, Alieto Aldo Guadagni. Este último fez comparações diretas: "O Mercosul, neste momento, conta com as propostas concretas de associação do Chile e da Bolívia, com o qual se amplia, e a UE representa já 20% mais que o Nafta." (Marcelo Montenegro)

**Reunião de ministros do grupo do Rio e a UE, onde começou o diálogo do Mercosul com a Europa**

